O COSMOPOLITA

Orgam dos Empregados em Hoteis, Restaurants, Cafés, Bars e classes conjeneres

ANNO II — N. 8 | RIO DE JANEIRO, 7 DE MARÇO DE 1917 | REDAÇAO: RUA DO SENADO, 215-217 Telefone C. 1.499

A proposito da redução das horas de trabalho

ALGUMAS REFLEXÕES

A proposito do senegalesco calor que assolou esta cidade e que tornou inda mais tormentozos e insuportaveis os labores de quantos mourejam nesta classe, tomou fóros de questão momentoza a velha aspiração de um dia de descanso semanal e redução das horas diarias de trabalho, pela qual ha tantos anos lutamos.

A imprensa diaria teve ensejo de dezenvolver um certo numero de considerações a respeito das opressivas e humilhantes condições de trabalho na nossa classe, exprobando a conduta dos poderes publicos que *descuram* os interesses das classes trabalhadoras não cojitando de fazer *leis sabias* que as defendam da sordicia de patrões exploradores, (um belo pleonasmo, não ha duvida...) deixando-as dest'arte entregues ao dezamparo da sua propria inconciencia.

Não é, pois, de mais, sendo mesmo oportuno, que, sem a menor eiva de espirito setario, venhamos á liça afim de expormos idéas e dezenvolvermos conceitos já aqui tantas vezes sustentados. Não temos a pretenção de dizermos couzas novas, iremos apenas repetir aquilo que antes de sós outros já o disseram com maior clareza e com mais brilhantismo.

Efetivamente, nada mais oportuno do que, — no momento em que se pretende induzir uma classe trabalhadora, tanta vez ludibriada, a confiar ainda uma vez na obra protetora e providencial do Estado burguez, para emancipal-a por meio de leis reguladoras das suas condições, — nada mais oportuno, diziamos, do que repetirmos uma vez mais a sabia declaração de principios da Internacional: "A emancipação dos trabalhadores ha de ser obra dos proprios trabalhadores". Com o trancorrer do tempo mais e mais avulta o grande acerto contido na sinjeleza desta fraze candente de verdade, e cada dia que passa vão as classes produtoras e expoliadas integrando-se no verdadeiro sentido que essas palavras exprimem, isto é: toda a luta pela conquista do seu bem estar tem que ser travada no terreno da ação direta inspirada na *luta de classes*, e que essa luta tem tanto mais eficacia quanto os trabalhadores organizados nos sindicatos profissionais vão adquirindo uma conciencia revolucionaria, que robusteça a confiança em si mesmo, em sua propria personalidade, e os habilite á repulsa enerjica aos seus ludibriadores, aos que contribuem para a perpetuidade da sua escravidão.

A observação dos fatos que se dezenrolam na sociedade moderna nos induz a concluir pela completa inutilidade das leis em face das reivindicações proletarias.

Sómente do esforço solidario, direto e enerjico dos trabalhadores, ha de vir a sua libertação do guante da exploração capitalista. E' a luta direta e abertamente contra os seus impenitentes exploradores que os ha de levar á conquista das melhorias que almejam.

Por muito que se queira fechar os olhos á evidencia da verdade não se póde negar a ezistencia de duas classes de interesses opostos em que se cinde a sociedade capitalista: explorados e exploradores, produtores e parazitas.—Uma, a que se assenhoreou da terra — sólo e sub-sólo — dos instrumentos de trabalho, da viação terrestre e maritima, das vias de comunicação, e que monopolizou, em seu excluzivo proveito, as maravilhozas descobertas cientificas, a Arte, a Literatura, tudo, emfim, que o genio, o talento e a força muscular têm produzido e que a toda a humanidade é dado gozar; a outra, a que dia e noite produz sem descanso, que não possue couza alguma, que nada goza e que vive numa mizeria continua, estagnada de trabalho, morta de sofrimento e de fome. E', pois, em torno desse permanente dualismo social, desse eixo em que gira a dezigualdade social, que a luta deve ser travada. E' a luta de desherdados contra privilejiados, de uzurpados contra uzurpadores, é, emfim, a luta do Trabalho contra o Capital. E nesta luta formidavel, titanica, que os trabalhadores sustentam em prol da sua dupla emancipação economica e moral eles só podem e devem excluziva e unicamente contar com o seu proprio esforço,aliando-se aos seus pares de infortunio e procurando conhecer as cauzas determinantes do seu mau estar.

Sobretudo devemo-nos compenetrar de que para sairmos do estado de cruciante mizeria em que nos encontramos, conquistando certas melhorias economicas, morais e materiais, temos que nos nortear por um alto espirito de solidariedade e, principalmente, por um profundo sentimento de rebeldia.

A nossa cauza nem por ser justa ha de vencer por essa simples circunstancia apenas; os fatores sentimentais não são de grande monta na solução dos conflitos economicos. A nossa vitoria ha de ser sim filha da pertinacia e enerjia que despendamos na luta, pertinacia e enerjia que serão por seu turno produtos da conciencia que tenhamos do nosso estado social. A classe trabalhadora, junjida ao carro da exploração legal, assim ha de eternamente viver enquanto não adquirir uma clara conciencia dos direitos que lhe assistem na sociedade humana.

Enquanto essa imensa maioria de espoliados entregar-se de pés e mãos atados a essa especie de fatalismo cego e enervante, que a leva a considerar a exploração a que está sujeita como determinação de uma vontade sobrenatural, a sua condição degradante de escravos ha de perdurar para gaudio da classe capitalista.

E' necessario que os trabalhadores se compenetrem desta simples verdade: o Estado, expressão politica da classe capitalista, só eziste para, como seu orgam genuino, garantir a integridade dos privilejios dessa classe. Logo, seria rematada credulidade da nossa parte supormos que dele posso vir por meio de leis mais ou menos sofismadas a nossa anelada emancipação.

As chamadas leis operarias não têm sido, sinão verdadeiras burlas com que os governantes têm-se fartado de embair a boa fé das classes trabalhadoras, levando-as a confiarem irrizoriamente a defeza dos seus interesses vitais justamente aos encarregados de zelar pelos iniquos e infames privilejios dos seus verdugos.

Todas essas leis são propozitalmente confuzas e sofismadas. Elas deixam sempre uma saida falsa aoo seus ezecutores, os quais as interpretam ao sabor dos seus interesses. Para que, pois, elas não redundem em letra morta, torna-e mistér que aqueles a quem ela viza *beneficiar*, tenham uma conciencia bastante clara e dezenvolvida dos seus direitos, não se deixando vencer pela pressão patronal ou pela mirajem sedutora de interesses iluzorios.

Assim, para que as regalias nelas inscritas se tornem efetivas e reais impõe-se uma luta constante e enerjica. Portanto, nestas condições, a lei torna-se inutil e até nociva.

Ora isto é de uma evidencia que não carece de demonstração: ha uma lei determinando um massimo de horas de trabalho além do qual os patrões não poderão sujeitar os seus empregados. Acontece, porém, que essa lei não é cumprida, porque os encarregados de a fazer cumprir não querem ou não podem estar permanentemente junto de cada patrão... Para que, portanto, essas regalias aparentemente concedidas pela lei se tornem efetivas, é precizo que os empregados aos quais essa mesma lei viza protejer se insurjam contra o patrão, rebelem-se, declarem-se em greve,expondo-se ás tropelias dos esbirros da ordem. Evidentemente essa lei é inutil, e não defende cousa alguma, só servindo para emprestar uma aparencia de utilidade á engrenajem governamental, mascarando os seus verdadeiros e unicos fins: manter a todo transe a desigualdade social, a exploração capitalista, emfim, — o roubo organizado.

E além de inutil é até nociva porque mata nos trabalhadores o espirito de iniciativa,a confiança no proprio esforço e fal-os considerar o Estado um organismo bemfeitor.

E afinal de contas nós não estamos fartos de constatar a verdade destes conceitos nos ezemplos frizantes de outros paizes, onde apóz grandes lutas, algumas classes trabalhadoras conseguiram obter que por meio de textos de leis fossem reconhecidos os seus direitos a certas melhorias? Em Portugal e na Republica Arientina, para não citar outros, ezistem leis que garantem o descanso semanal dos empregados em hoteis, restaurantes e estabelecimentos similares, e, contudo ha lá uma imensa maioria de trabalhadores desta industria que não consegue abrigar-se sob o manto protetor dessas *humanitarias* leis outorgadas pelos dirijentes da sociedade em momentos criticos.

Eis em rapidos traços o que pensamos e o que sentimos a respeito do problema da nossa emancipação. Nós só confiamos no proprio esforço da imensa vaga humana de explorados, de desherdados. Só ela organizada, livre de quaisquer preconceitos, dotada de uma solida conciencia revolucionaria poderá despedaçar os grilhões da escravidão ignobil a que está sujeita, libertando o trabalho do estigma que carregada na fronte envilecida, *a não ser que queira sofrer o desprezo que merece aquele que, sendo vitima, se compraz em ser cumplices de seus proprios tiranos e exploradores!*

A' Quinzena

Penitenciando-me — A guerra — Medeiros e Albuquerque — O calor — Os comicios.

Carradas de razões têm os camaradas do "O Cosmopolita" em comentarem a minha dezidia, na colaboração no jornal de nossa classe, que se nos mostra com saúde, força e vontade, para viver, lutar e organizar esta nossa malsinada classe, flexivel a todas as explorações dos senhores patrões, que são inflexiveis a nos tirar de nós os maiores esforços.

Eis-me na liça, pronto a fustigar os preconceitos sociais, este desnivel matematico entre os homens, em que uma minoria explora cinicamente, uma enorme maioria inconciente de seus direitos.

E o seculo XX, continúa a ser o seculo da inconciencia universal!

Ante a conflagração européa retrogradamos na vertijinosidade de tufão; voltamos aos tempos das conquistas. Da evolução operada, a que reverteu em beneficio da humanidade, foi ofuscada pela ciencia da guerra, pela arte de matar. Continuamos na mesma nevrozidade de construir, para sentirmos depois a sensação diabolica da destruição, a patentear-nos o nosso estado de animais.

Dada a minha satisfação aos bons camaradas, dou-me por penitenciado.

*
* *

O' que grande dissenção entre os deuzes! A velha Europa, acalentadora dos esplendores do seculo XX, bebada de sangue, faz troar a metralha nas ancias de mais sangue!

As ambições são descomedidas, entrechocando-se os interesses... e os senhores governantes fieis aos senhores do capital, continuam a alimentar a guerra, com a carne humana já velha, rugoza... quazi imprestavel! A carne moça, sadia, nevroza, cheia de vida e para reproduzir a vida essa já foi devorada em sacrificio de Marte!

A guerra, ameaça-nos a chegar até nós, a imprensa burgueza de opinião formada, ao lado de quem lhes bateu o ouro no balcão, não trepidam em fazer correr as noticias mais absurdas e influirem aos senhores governantes na maneira de ajir em questões melindrozas, fazendo-os ajir sem meditação, sem consultar o povo do paiz, acontecendo como na Europa, que se envolve numa tremenda guerra, sem até hoje esses povos que se degladiam, saber por que lutam, fazendo as imprensas assalariadas desses paizes, um jogo de empurra as nações umas ás outras, como culpadas da guerra, quando em téze todas ellas são culpadas, como alimentadoras das teorias saidas do palacio da Paz, com o lema latino de "Si vis pacem para bellura".

Que fique no nosso jornal o protesto contra esta tremenda guerra, que eclipzou todas as outras, já que as lagrimas das viuvas, mãis e filhos não conseguem comover os corações empedernidos dos potentados.

Pobre humanidade... tão doente para a vida!

*
* *

O nosso estimado companheiro R. Rodriguez Martins, escalpelou a meu contento, o homem do "O silencio é de Ouro".

Ha muito que me habituei não lêr os escritos do ex-reporter internacional por não ver nos seus escritos, a independencia e a sinceridade que devia manter; a sua pena parece-nos alugada, a pura cauza de que ele vê interesse imediato.

Para o "ex-socialista", o trabalhador não deve organizar-se e protestar pelos seus direitos conspurcados, por aqueles de quem Medeiros é advogado.

Continuem os senhores dominantes a diminuir a ração do estomago do produtor, e então verão se a proporção que diminuam não vai crecendo a onda de revolta, quer nos indiferentes ou nos altivos, que vêem ezijindo e ezijirão sempre os seus direitos a vida, por todos os meios ao seu alcance.

Ai dos Medeiros e de seus constituintes ao dia da revolta de estomagos; então verão este povo passivo ir em busca do superfluo criminozamente acumulado, em prejuizo dos párias.

Continui o senhor Medeiros a molgar os seus principios ás suas conveniencias... mas um pouço de "agua e sabão" para a sua conciencia não seria mau...

*
* *

Os cariocas andaram atrapalhados com o calor. A lista dos insolados, publicada pelos jornais, cauzou terror aos senhores burguezes, que partiram em busca dos pincaros e dos logares frescos.

No entanto, as vitimas, na maioria, foram trabalhadores, que para eles não ha variação de tempo — têm que trabalhar si querem alimentar a si e aos seus.

Enquanto a nós, fomos benemeritos... despejando refrijerantes em cima das multidões... que foram aumentar as "ferias" na gaveta dos senhores patrões. E nós?... Nada.

Aí vem o Carnaval!!!

*
* *

A Federação Operaria, vem a alguns domingos, realizando simultaneamente, comicios em diversos bairros da Capital.

A concurrencia não tem sido a dezejavel, quanto aos comicios a todos interessa, pois viza pôr freio á ganancia do comercio explorador que nos quer reduzir as refeições a café com pão, refeição que muita gente suporta, senão... seriam concurrentes aos comicios, levando a sua particula de protesto.

Não dezanimem os camaradas da Federação Operaria — a fome ha de vencer a indiferença deste povo, passivel a todas as explorações, ha de fazer de cada um — um revoltado.

Albino Dias

O IMPOSTO DE HONRA

O povo é sempre o eterno sacrificado, o eterno responsavel pelos desmandos e gatunices da gente que governa, isto é, do bando despudorado que com cinismo revoltante vive a meter a mão no bolso de quem trabalha, para arrancar dali os vintens que reprezentam horas de muita canceira e fadiga.

Ainda agora, com a lembrança desta suprema irrizão que se chama o "Imposto de honra", o conceito acima acaba de ser verificado. O governo, mais uma vez, num imperdoavel momento de irreflexão, deixou cair a mascara de embuste, aprezentando ao paiz o rosto seu tal qual é: de méro salteador de estradas, endurecido no roubo e na violencia.

Antigamente, tomado dum resto de pudor e de remorso, ajia ás ocultas, envergonhado, talvez, da propria ação; hoje, o bandido assalta ás claras, á plena luz do sol, concio de sua impunidade ou da covardia moral daqueles que mizeravelmente expolia.

E' perfeitamente assim. Desse modo, o povo ficará conhecendo o inimigo. E amanhã, atinjida ao cume a indignação, o povo, — vexado de tanta afronta, cançado de tanto labor mal remunerado — ha de nobremente se levantar, como um só homem, para opôr embargos á obra nefasta do governo, para impedir a continuação do descalabro imenso que por aí vai, oriundo da má organização social contemporanea.

Pedir contas aos potentados, quando chegar a oportunidade: esse tem sido sempre o gesto altivo do povo, da "vil multidão" em todos os tempos e logares.

Que o digam os companhieros de Spartaco e as diversas revoluções francezas...

X.

A Exploração torpe da Sorveteria Alvear

Nunca será de mais repizar sobre a monstruosa exploração que está ezercendo a Sorveteria Alvear.

Já foi aqui nestas colunas, num dos numeros de dezembro, convenientemente escalpelada a ignobil exploração dos inescrupulozos donos desse estabelecimento, que a todo transe querem tornar ainda mais intoleraveis as já degradantes condições de trabalho na nossa classe.

O que foi então publicado é a expressão da verdade. Assim tambem o dizem os que lá trabalham, os quais, na sua inconciencia, julgam aquilo a couza mais natural deste mundo.

Eles não percebem o mais insignificante ordenado, e, trabalhando de graça, ainda por cima são obrigados a pagar as flores que devem enfeitar as mezinhas em volta das quais abancam-se os freguezes que fazem a fortuna dos gananciozos proprietarios, pagam a louça quebrada em serviço e... ainda dão uns niqueis ao gerente a titulo de propina, para ele fazer a sua fézinha no jogo do bicho. Pouco falta para que paguem um ordenado aos patrões para ser mizeravelmente explorados.

Nós, porém, é que de fórma alguma poderemos consentir na continuação desta critica exploração que vai sendo introduzida na nossa humilhada classe pela desmedida ganancia e falta de escrupulos desses modernos escravocratas que pretendem manter estabelecimentos modelos e chics á custa do suor dos seus empregados, a não ser que não nos importemos em vêr a nossa dignidade reduzida a frangalhos, e renunciemos definitivamente a ser homens livres e dignos.

Precizamos quanto antes reajir contra essa extorsão que se vai implantando entre nós graças ao indiferentismo inconciente com que encaramos os interesses que dizem mais de perto com a nossa dignidade e com o nosso bem estar.

Diante desse abuzo inqualificavel,que toca ás raias do inadmissivel, precizamos ter um pouco de ação e de altivez afim de lhe pormos um freio seguro. A continuar assim nesta lamentavel decadencia e inação, depressa chegaremos aos ultimos extremos da degradação.

Não sabemos si ha lá algum companheiro que bem compreenda os seus direitos de trabalhador. O que é certo é que nenhum tem demonstrado tal compreensão. Agora o que sabemos é que não haverá lá um só que dezista da gorjeta do freguez e ezija do patrão um ordenado que ao menos recompense o seu trabalho. A gorjeta é o nosso peor inimigo: transtorna-nos o caracter, atrofia lamentavelmente a nossa altivez de homem, e nos conduz á mesquinha pozição de serviçais explorados e humilissimos, faz-nos esquecer os deveres que nos impõe a nossa dignidade de trabalhadores, quando deviamos exijir do patrão um ordenado equivalente ao esforço que despendemos.

Assim não precizariamos da gorjeta, desta humilhante e prejudicial esmola do freguez, e então repudial-a-iamos.

E vós outros que tendes perfeita conciencia dos deveres do homem digno, e que sabeis avaliar ezata e criteriozamente o pezo aviltante dessa exploração capitalista, juntai a vossa voz á nossa, num protesto permanente e enerjico contra tamanha infamia!

E o peor é que a moda pega. O ezemplo perniciozo alastra-se com tanta maior vertijinozidade quanto este novo rejimen reprezenta uma importante soma a entrar para os cofres patronais, abarrotando-os do "vil metal" que na sociedade capitalista decide da vida dos que são obrigados a alugar os seus braços em troca de... coiza alguma! Já alguns clubs desta capital estão tambem pondo em pratica o cinico roubo contra os empregados. Quer dizer: a exploração campeia livremente, sem que haja uma enerjica reação da nossa parte. Em face de tamanha desfaçatez continuamos impassiveis como si se passasse noutro planeta.

E' que ha muita gente que possue a pele da rejião lombar muito rezistente para que possa sentir o pezo da carga...

B. F. G.

O Trabalho

Deus impoz-nos tristissimas provas sobre esta terra; mas criou o trabalho, e tudo foi compensado. As lagrimas mais amargas secam graças a ele; consolador sério, promete sempre menos do que dá; prazer sem igual, é ainda o sal dos outros prazeres. Tudo vos abandona, a alegria, o espirito; ele está sempre prezente, e os profundos gozos que vos proporciona têm toda a vivacidade da embriaguez da paixão, com toda a calma dos prazeres da conciencia! Está tudo dito? Não, porque a esses privilejios do trabalho, é precizo ajuntar um ultimo, maior ainda; e é que é como o sol: Deus fel-o para todos.

ERNESTO LEGOUVER

Trabalhador, vejo-te indignado ante este montão de sandices que este literato conseguiu juntar e que é hoje patrimonio da moral publica, e até contra mim, que te aprezento coizas que te irritam os nervos, já fatigados pelo "abuzo" do deliciozo prazer acima ezaltado...

Não tens razão; tem-na pelo contrario o bom do Legouver, que fala certamente com conhecimento de cauza, tendo saboreado gulozamente, voluptuozamente a longos sôrvos, o preciozo nétar do trabalho...

E' que ele refere-se ao trabalho, ao verdadeiro trabalho, e a outro mundo: quando diz "sobre esta terra", emprega uma elegante figura de retorica, e tu podes, caro proletario, imajinar que a ação se passa, por ezemplo, no planeta Marte.

Porque — que é o trabalho? O esforço coordenado para um fim util. Como ezercicio, satisfaz uma necessidade fiziolojica; mas, na verdade, seria erro consideral-o uma necessidade dessa ordem, que igualmente póde satisfazer-se com um ezercicio qualquer, improdutivo, inutil para a reparação: que o digam os fortes e joviais amantes do "sport" e das viajens! O trabalho é uma necessidade social; a ele se devem as riquezas da sociedade humana. Póde um parazita qualquer substituil-o por deliciozos divertimentos, por esforços inuteis ou nocivos, descarregando toda a enorme tarefa humana sobre os hombros daqueles para quem o trabalho é transformado numa horroroza fadiga; mas feito por todos ou por uma parte, o trabalho é uma necessidade social.

Necessidade social e necessidade fiziolojica combinar-se-iam numa sociedade em que ninguem quizesse manter ociozos e parazitas. Então cada individuo acharia no trabalho uma dupla utilidade: a satisfação da necessidade do ezercicio e a da necessidade de restaurar e adquirir novas forças — a satisfação, emfim, de todas as necessidades da vida, fizicas, intelectuais e morais. E assim o trabalho, que seria a propria vida, a luta para arrancar á natureza mais bem-estar e liberdade, tornar-se-ia ainda um habito moral, uma necessidade moral. Gastar a energia, desperdiçal-a num esforço inutil ou incompleto, seria considerado como uma doença.

Mais: o trabalho é um equilibrio de forças numa vida sã e normal. Deve deter-se nos limites da fadiga e ezije uma reparação suficiente. Si o seu fim é util á vida, é conservar a vida, produzir forças, como começar por contradizer esse fim com uma fadiga estenuante e mortal?! E' um abürdo evidente. E ainda axiomatico é que deve ser voluntario, obedecendo ao impulso das necessidades, segundo as aptidões e as capacidades de cada um.

O que nós vemos não é o trabalho bom e equilibrado do homem livre, mas a pena brutal do escravo, o castigo imposto pelos deuzes da biblia e pelos senhores da terra; é ainda o sibaritismo parazitario do patrão. Os proprios que mais se avizinham do vero "typo" de trabalhador, têm os seus prazeres aguados pelo dezequilibrio social, e a custo mantêm uma vida de saude e de alegria.

Tu bem vês, proletario: o que se chama o rejimen da propriedade individual e do salario, garantindo pela violencia organizada, impede o florir do belo e forte trabalho. O dono da maquina que vijias, da terra que lavras, do instrumento que manejas, do dinheiro que tudo isso reprezenta, dita-te a ferrea lei do vencedor: — "Ou ficas na fabrica, em caza, no campo, curvado todo o dia sob uma faina bestial, mediante a paga que te dou e que basta ao certo para "viveres" o tempo indispensavel á produção de novos escravos — ou morrerás de fome".

Si te revoltas, achas na tua frente a imensa lejião dos teus companheiros habituados á escravidão e debilitados pela mizeria, curvados sob o chicote do amo e armados contra ti.

E enquanto trabalhas demais e comes pouco, ha vastos campos para cultivar, materiais para construir, sementes para semear, materias primas para pôr em obra, braços para empregar!

Talvez essa horrivel lida "enxugue as mais amargas lagrimas"... Sim! Quantas vezes as lagrimas derramadas no teu lar te obrigam a vender os braços por uma mizera côdea de pão, que dá um momento de treguas, "entretanto" a vida! Póde ser que seja consoladora, com efeito...

Mas não "dá sempre mais do que promete". O salario não basta para recuperar as forças perdidas; a maior parte do fruto do quotidiano labutar embolsa-o o patrão, — cujo dinheiro não nace, si semeado, nem "rende", si encerrado num cofre.

Não é "um prazer sem igual", porque não ha prazer num castigo, numa violencia, numa fadiga monotona, continua, aviltante: e, apezar de tudo, não "está sempre prezente", porque muitas vezes queres fazer-te explorar e o patrão não te quer, e tu andas de porta em porta, suplicando que... te roubem!

Não, o nosso autor nem mesmo viveu neste planeta; e o que nos prova á evidencia que estava certamente na... Lua, é a fraze final: Deus fêl-o para todos!"

Para todos?! Aqui, sobre esta terra?! Nós, o mais pezado "trabalho" que conhecemos aos ricos é o de governar, de dirijir, de manter a exploração com a violencia de organizar a defeza do roubo... E ainda nisto, o mais pezado é feito... pelos roubados! Curiozo!

Mas — eis a questão: fazer com que o trabalho manual seja por todos. Si tal se fizer, o interesse do trabalho será o de todos: todos terão interesse em tornal-o agradavel, leve, salutar.

Não queremos saber si Deus (nome singular com que se explicam todos os absurdos e se justificam todas as vilanias), o fez para todos: o que sabemos é que da vontade dos homens depende que ele seja realmente para todos. E os que não querem permanecer neste estado de coizas, devem trabalhar para o mudar.

O caminho está traçado: abolir o dinheiro, a propriedade particular e o Estado que a defende e a renovaria, si o deixassem de pé; pôr em comum a terra e os instrumentos de trabalho, os meios de produção. Libertar e aliviar o trabalho e produzir a abundancia: construir maquinas, cultivar as terras, fabricar produtos uteis, utilizar forças perdidas, braços inertes ou mal empregados.

Eis a obra grandioza que se deve preparar e realizar.

O trabalho e os seus frutos para todos!

NENO VASCO.

Etapa forçada

A guerra espantoza que prezentemente se dezenrola no velho continente produz a etapa forçada das hostes revolucionarias, servindo, porém, para a formação de dupla força e maior orientação no sentido da emancipação da humanidade, quando se dicidir o fim deste colossal assassinato em massa.

Esta etapa dará o tempo para fazer conhecer melhor aos renitentes o que é a guerra, a que interesses obedece, e ao proletariado, a que ponto chega o suposto patriotismo das classes diretivas.

Terão, emfim, ensejo os proprios responsaveis desta hecatombe de hororizar-se diante da sua obra.

A burguezia dirá, que não é tempo agora de sensibilidades inoportunas. Naturalmente, refestelada nas suas confortaveis poltronas, diante de suculentos manjares, não póde sentir o mal dos infelizes e forçados soldados. Não ha duvida, porém, o tempo marcha, ele falará por todos os sofredores.

Ah! meus senhores, então, só então, é que sentireis o peso do braço humano chamando-vos a contas, e perguntando o que fizestes dos nossos filhos, nossos pais, nossos irmãos, emfim, de todos os filhos do Povo... A vossa resposta, veremos como será.

Esperamos, os tempos não vão vão lonje, a vossa hora soará para definir a Unidade Humana.

A. P.

HISTORIA DE UM CALVARIO

—()—

Restaurant da Urca

De momento a momento o silencio da estação é quebrado pelo rumor produzido pelo ranjer das possantes engresajens do comboio que conduz á pitoresca montanha os vizitantes, atraidos pelo encanto daquelas parajens.

No restaurant, logo que se ouve esse rumor indicativo de que o carro sóbe, o pessoal apresta-se valorozamente para a "péga" de passajeiros. Mais um minuto e a estação volta ao silencio habitual. E' o sinal de que o carro já chegou ao cimo.

Os passajeiros seguindo a caminho da estação do Pão de Assucar, são insistentemente abordados pelo pessoal que os espera de pescoços estirados como valentes galgos, enquanto que uma voz feminina e esganiçada berra: "Alberto! Alberto! olha passajeiros!"

O Alberto levanta-se, olha esticando o sifilitico "gregomil" e logo sentencia: "aqueles vêm para jantar". E o *garçon* lá vai penozamente com um ar constranjido e vexado de "pistola" em punho, isto é, com o fatidico "menú" pegar o passajeiro, mais ou menos com esta cantilena: "O sr. vai jantar aqui, (embora o passajeiro diga categoricamente que não o "garçon" tem que investir) continuando: "quer vêr a carta, nós temos de tudo, como na cidade, o sr. póde esperar para vêr a iluminação na cidade e assim aproveitar o passeio, póde esperar um pouco aí á sombra, que o carro ainda demora a subir uns quarenta minutos." E por aí afóra continúa uma interminavel historia até que o passajeiro siga para a estação.

Si por infelicidade o "paciente" é inconvencivel, e o caixeiro nada consegue, tem que ouvir do sabido patrão algumas lições a respeito do assunto. E começa: "Vocês não prestam, no meu tempo obrigava eu o passajeiro a fazer despeza e convencia-o a jantar na volta", e outras grandes bravatas.

Si o "garçon" consegue arrastar o freguez, então diz ele logo: "aqueles já vinham com intenção de jantar; vê si lhe empurra vinhos caros e finos, tenho aí frios especiais — que de especiais nada têm — e quando o freguez reclama, aliás, com razão, os preços ezorbitantes, ele, muito lampeiro, apela para a Rotisserie Americana e Caza Heim, como se aquilo em alguma couza se parecesse com o serviço dessas cazas, chegando ao ponto de enfeitar com cenouras e nabos, porque o "pichles" está pela hora da morte...

Certo dia teve ele a sorte de "pegar" um cazal de vizitantes, que subiram na ultima viajem, para jantar, ao que os empregados da Companhia se opuzeram pois que não havia tempo, prevenindo ao mesmo tempo na bilheteria que só poderiam demorar quarenta e cinco minutos. O carro subiu e deceu com os ultimos passajeiros do Pão de Assucar, sendo o cazal então convidado a decer, pois já passava da hora e não havia tempo para jantar. Ora, os passajeiros que não faziam questão alguma de ali jantar, e apenas haviam acedido em vista da insistencia do homem, foram-se logo.

O patrão mandou então o "garçon" á estação buscar os passajeiros ou o dinheiro (safa!) mas, como era natural, o "garçon" não trousse nem passajeiros nem dinheiro! E o homemzinho ficou "ranziza" mandando "incontinente" o "garçon" embora, com esta nota: "tenha paciencia, mas você não dá para isto."

E' que o homem queria arvorar cada empregado num salteador de estrada, em seu proveito.

J. M. D.

A Hijiene nas Cozinhas

E' notorio o precario estado de hijiene de todos os generos alimenticios, sem mesmo ecetuar as carnes verdes com o abominavel sistema de abater gado, porque não é abater nem tampouco matar, aquilo é maltratar.

Conformemo-nos com estas funestas determinações antagonicas e pirronicas. Mas com o que não nos podemos conformar é com as pessimas condições em que nos é entregue esse genero de primeira necessidade no atual rejimen alimentar constranjendo a vexames inumeros e criticas sem conta, as quais nos colocam numa pozição dezairoza no ponto de vista moral e profissional.

Comecemos por fazer ver que as melhores rezes são conjeladas e exportadas para o exterior, isto é: toda a sorte de bovino. Aqui só nos fica o refugo. Dos suinos é a peior qualidade imajinavel, porquanto é a rez que tem mais distribuição classica sempre que haja uma conciencia profissional em distinguir as suas classificações separadamente.

Assassinar um suino a marreta e deteriorar as suas partes mais delicadas e facilitar a adulteração de todo o trabalho que por ventura se possa conservar. E' a impossibilidade de poder utilizar o sangue que é o primeiro elemento da salchicheria, com o derrame de sangue interior, inutilizando infalivelmente intestinos, estomago e rins.

E' evidente que fazer um suino sangrar depende de muito cuidado profissional, isto é, saber produzir uma hemorrajia exterior, e nunca interior.

Si analizarmos a secção de carneiros veremos coizas simplesmente inauditas. Basta olhar nos açougues a maneira por que são aprezentadas á venda e o reclame que ezibem. Carneiro é um modo de dizer porque desde o inicio da guerra nunca mais vimos carneiros: ovelhas cançadas de criar, cabras tiradas de amamentar crianças, as quais, não obstante são aprezentadas como generos de primeira ordem, reconhecidos com os competentes carimbos de anilina inutilizando todas as peças mais importantes da rez.

Passando á secção de aves não podemos deixar de referir ao detestavel habito de estrangular a ave, processo sumario e em voga na maioria das cazas. E' este um processo que, sem duvida dá uma triste mostra de competencia de quem dele uza; e nem só de competencia; de conciencia e até, diremos, de arte. E dizer-se que temos uma companhia que por falta de compreensão do meio, esteriliza-se e ameaça cair no ridiculo.

Quanto de beneficios poderia ela trazer á hijiene dessas infétas cozinhas, livrando-nos daquela insuportavel fedentina de penas molhadas em agua fervente, das imundicies intestinas: aquele derrame de sangue salpicando todos os recantos e facilitando a proliferação de toda qualidade de incétos perniciozos e repelentes: moscas, mosquitos, saltões etc.

E não protestamos contra a inqualificavel matança de cabritos, leitões e "carneirinhos", deixando "chocar" vinte e quatro horas aquelas viceras dentro de uma caixa de lixo, perto de um fogão a arder com todas as forças das suas fornalhas, produzindo uma fermentação capaz de infetar um quarteirão inteiro!

Não nos rebelamos contra a infamia das salchichas feitas nos açougues de carnes em estado de decompozição, carregadas de salitre e temperos irritantes aplicados sem o menor vislumbre de conciencia.

Mas, ha ainda alguma coiza mais, para completar este quadro descritivo dessas *sapucaias*: ha aquela promiscuidade de miudos, todos misturados sem classificação, sem hijiene, sem esmero convidativo: mocotós, dobradinhas, linguas, figado, bofes, miolos, emfim tudo uma verdadeira complicação que antes parece um leilão forçado de belchior!

Para terminar; essa famoza Hijiene que se lembra de mandar retirar os cepos de madeira dos açougues e não se lembrou que si escapassem dos açougues fatalmente tinha que cair nas cozi-

Explicação necessaria

Este numero de "O Cosmopolita" deixou de sair á data regular, isto é, a 15 de fevereiro.

Sofreu assim o jornal, bem a contragosto nosso, uma lamentavel solução de continuidade na sua obra de difusão dos principios emancipadores do proletariado, tarefa a que ha quatro mezes nos impuzemos com a melhor das vontades, com o coração a palpitar fremente pelo ideal de uma sociedade futura de amor e justiça.

E' bem de ver que só mesmo circumstancias muito especiais poderiam concorrer para que interrompessemos, embora por breve prazo, a publicação do periodico num momento em que as já de si precarias condições da classe são agravadas sob mil pretextos pela dezenfreiada ganancia capitalista.

Resta-nos para o futuro envidar esforços para que tal se não repita.

GRUPO EDITOR DE "O COSMOPOLITA"

Para tratar de importantes assuntos que dizem diretamente com a publicação regular do jornal e com a propria existencia do Grupo, convidamos todos os camaradas seus componentes a reunirem-se sexta-feira, 10 do corrente, ás 21 horas.

Esperamos que nenhum camarada, compenetrado das responsabilidades assumidas perante a classe pelo Grupo Editor de "O Cosmopolita", deixará de comparecer a essa reunião, pois ha relevantes questões a rezolver.

A COMISSÃO EZECUTIVA.

Ação direta

A Confederacão Geral do Trabalho de França

Palavras oportunas

Definido o fim — dezaparecimento do salariato e do patronato — vejámos agora os meios preconizados e a tatica empregada para o conseguir.

Recordemos o § 1º do art. 1º e vêr-se-á que do fim "imediato" ressaltam de algum modo e naturalmente os meios de ação a empregar.

A Confederação tem por fim, diz o § 1º do art. 1º:

"1º — O agrupamento dos salariados para defeza dos seus interesses morais e materiais, economicos e profissionais."

Definido assim e nas condições em que se move a sociedade capitalista, este fim "imediato" implica uma luta de todos os intantes que nunca tem fim, posto que o antagonismo dos interesses é o estado permanente entre as duas classes que dividem a sociedade.

Para guiar esta luta, póde dizer-se que a Confederação não tem dogma imutavel. Inspira-se sobretudo nas situações.

As circunstancias da luta, o aspéto de um movimento devem ditar a conduta a seguir e é sempre sem uma idéa preconcebida que a Confederação e as organizações que a compõem se embrenham num movimento quer este seja geral como o movimento das 8 horas, quer sejam movimentos mais particulares como os da supressão dos escritorios de colocação ou de liberdade sindical para os funcionarios e professores.

Quer isto dizer que a Confederação não tem tática? Pelo contrario. E' sempre sem se preocupar com os poderes, com a máquina governamental e com o Estado burguez que a Confederação trava a luta.

Os trabalhadores só obtêm o que sabem impôr, e é sómente quando sabem querer fortemente e são capazes de ezijir, que os exploradores e o Estado burguez: é por uma pressão exterior sempre mais intensa, por uma ajitação incessante, destinada a enervar os seus adversarios e em definitivo a fazel-os dobrar e ceder, a deixar hoje uma parcela das suas prerogativas, amanhã outras que a Confederação vai e dá batalha.

As gréves que ela não faz nacer, mas que sempre sustenta, não têm outro fim.

Lutar sempre, sem treguas nem desfalecimentos, manter o espirito de revolta dos operarios sempre alerta, não declarar-se nunca satisfeito — e os trabalhadores não o podem ser enquanto sejam explorados — tal é, sem contestação, a tática mais segura.

Que o Estado burguez, para travar o movimento da classe operaria, formule em artigos de lei ou as reivindicações que animam o mundo do trabalho e lhes dê assim a sua sanção, isto pouco importa, na realidade.

Os trabalhadores sabem muito bem que não basta que uma das suas reivindicações seja codificada para que ela se torne uma realidade. Aprenderam, ao contrario, por experiencia, que uma forte organização operaria é sempre necessaria e indispensavel para a fazer aplicar, sem o que, codificada ou não, a reivindicação terá todas as probabilidades de não passar de letra morta. E é porque prezentemente já não ignoram isto que os trabalhadores ligam pouca ou nenhuma importancia ao que se chamou pompozamente a lejislação operaria. E é igualmente porque não ignoram que todo esse arsenal de leis — tão incompletas e mal feitas que na sua maioria tornam-se inuteis e inaplicaveis — que eles permanecem céticos a seu respeito. Mas é tambem porque a "lei" não faz senão reforçar o Estado burguez do qual só queremos a destruição quando adotamos como fim o "dezaparecimento do salariato e do patronato", que na Confederação se preocupam pouco em fazer converter em textos de leis as reivindicações dos trabalhadores cuja aplicação se pretende.

Tudo isto se nota cada vez mais nos centros operarios. Diminui sempre mais as atribuições do Estado que só póde ser o reprezentante do capitalismo, tal deve ser, tal é o fim supremo que vizam todos os trabalhadores emancipados.

Educar bastante, tornar sempre mais concientes os trabalhadores, aumentar o poder e a intensidade revolucionaria do proletariado por uma forte ginastica da ação, bater sempre em cheio no Estado burguez e não se importar com as chamadas "reformas democraticas" senão na medida em que são capazes de dar mais corpo a este poder revolucionario e aumental-o, tal deve ser o unico cuidado do proletariado organizado.

A ação direta empregada daí em deante por este, e devemos reconhecel-o não sem ezito, não viza outro fim, não tem outra significação.

E não ha que duvidar, é por esta "ação direta" que os trabalhadores chegarão á sua emancipação. "Ação direta", isto é, ação autonoma, pressão exterior ao Estado burguez, luta sobre o verdadeiro e unico terreno de classe, explorados contra exploradores, "sem interpostas pessoas" — segundo a feliz expressão de um socialista belga — tal é a tática empregada pela Confederação.

E' certo que o estado de luta permanente a que foi levado o proletariado, arrasta e necessita ás vezes átos revolucionarios, mas contra ao que se afirma, em geral, sem se saber aliás porque, a "ação direta" não significa violencia inevitavel; a "ação direta", tendo em si propria um sentido, uma virtude revolucionaria, se assim posso dizer, o que ela deve ter sempre por fim é diminuir, minar e reduzir o estado de coizas ezistentes a favor de um organismo social instaurado sobre bazes diferentes.

Esta concepção do movimento arrasta inevitavelmente a um estado de luta que se traduz em séries de gréves ininterruptas, — a gréve que é a fórma de ação enjendrada e que ressalta do proprio rejimen de produção capitalista.

Gréves repetidas, que são ao mesmo tempo para o proletariado uma ecelente ginastica da ação, uma poderoza eficacia educativa.

Estas gréves, sucedendo-se umas ás outras, tomam então, segundo as circunstancias, aspétos diferentes. Podem ser ora calmas, ora violentas, de curta ou prolongada duração, conforme as necessidades ou o gráu de rezistencia dos trabalhadores que tomam parte nelas.

A "boicotagem", — ou por outras palavras, o inscrever no indice fabricas, estaleiros e até os nomes dos falsos confrades que se recuzam fazer cauza comum com os seus camaradas e que podendo por este fato cauzar-lhes prejuizos, — póde ser e é efetivamente em muitos cazos, um meio de luta ecelente defendido pelos Congressos da Confederação e de que já houve provas.

Igualmente a "sabotage", que em nome de uma moral que eles aliás não praticam, os srs. burguezes de todas as categorias condenam com veemencia.

Que coiza ha porém mais natural de que um trabalho dê o equivalente do que recebe. "A' má paga", mal trabalho, tal é a formula que o explorado tem interesse em aplicar e de fato aplicam sempre, ás vezes mesmo sem o perceberem.

Em tempo de gréve e em circunstancias determinadas, para pôr um patrão á sua mercê, os trabalhadores podem aplicar a "sabotagem" um pouco violentamente, mas quem se atreverá a censural-os numa sociedade em que o direito do mais forte prevalece sobre todos os outros, em que um possuidor de meios de produção póde á sua vontade e se tal é o seu bel-prazer, reduzir á fome de um dia para o outro milhares de trabalhadores e suas familias?

"Boicotagem" e "sabotagèm", são entre muitos outros, dois meios eficazes de ação e de pressão empregados pelos trabalhadores na sua luta diaria pelo bem estar.

Igualmente, as gréves, pondo sómente em prezença um patrão ou um conselho administrativo e o seu pessoal, os trabalhadores substituem-nas por gréves mais gerais, fazendo sair das fabricas, os explorados de uma cidade inteira ou de uma corporação.

Fórma o meio de luta igualmente inevitavel hoje.

Para tentar rezistir ás reivindicações, o patronato, em muitas corporações, está agrupado; forçados foram tambem os trabalhadores a reunirem os seus esforços para a luta e as gréves generalizadas — que muitas vezes se confundem com a

EXPEDIENTE

De conformidade com as bazes do seu Grupo Editor, as colunas de *O Cosmopolita* estão francas a toda e qualquer espansão de pensamento, desde que se ajuste á lojica e á razão, e estejam em harmonia com a sua orientação.

O Cosmopolita publica-se nos dias 1 e 15 do mez.

Assinaturas

Ano	5$000
Semestre	3$000

"gréve geral" — tomam e tomarão todos os dias mais importancia.

Os trabalhadores de uma fabrica sabem agora que têm interesses comuns com os da oficina vizinha, e por isto as gréves generalizadas tornam-se todos os dias mais numerozas.

E porque toda a ação, toda a propaganda da Confederação é mais ou menos inpirada na tática e nos meios de ação que acabo de esboçar, que foi necessario á classe operaria prevêr por que meio supremo lhe seria possivel atinjir um dia o fim.

Este meio preconizado e sempre confirmado pelos successivos Congressos que se realizam ha quinze anos a esta parte, é a "Gréve geral".

A gréve geral, suspensão completa, unanime e simultanea da produção, devendo tornar impossivel o funcionamento normal da sociedade capitalista. Os trabalhadores alfim concientes da sua força e do seu poder, saindo todos, num comum acordo, das fabricas, dos estaleiros e das oficinas, para só voltarem afinal com o fito de assegurarem a produção a seu favor, não trabalhando mais então para um patrão ou para patrões anonimos, mas para eles, em proveito de toda a sociedade.

E a Gréve geral aparece como o supremo esforço ao qual deverá, em ultimo recurso, recorrer o proletariado para chegar á sua emancipação integral

Nesse dia nenhum poder, qualquer que seja, será capaz de rezistir-lhe, a suspensão unanime e combinada da produção arrastando inevitavelmente o cataclismo revolucionario, preludio da transformação da sociedade.

E quando os trabalhadores alfim concientes tenham bem compreendido todo o partido que podem tirar de um tal conjunto de meios de ação que equivale para eles a um plano de batalha, nós estamos tranquilos, o belo lema BEM-ESTAR E LIBERDADE posto como inscrição no seu lema pela Confederação Geral do Trabalho não estará lonje de se tornar uma realidade.

PAUL DELESALLE.

Lérias e Trêtas

E' um tradicionalismo de todas as familias remediadas das pitorescas aldeias ibericas ter um filho padre ou doutor.

Em uma florecente aldeia dos arredores de Tuy uma familia mandou para o seminario um dos seus rebentos. Passado algum tempo, abandonava ele o seminario e tomava o rumo do Brazil. Aqui aportando, abraçou o mistér de vender bifes e dentro em pouco recebia como nome de guerra a alcunha pouco simpatica de "policia", segundo dizem, por ser muito lijeiro, correr muito e afinal nunca fazer nada em ordem.

Correm, entretanto, os tempos, sem que nada de anormal ocorresse na vida do rapaz, até que um belo dia encontrou um protetor generozo que o estabeleceu. Já então não era mais o antigo e pitoresco "Policia", mas sim o sr. fulano de tal.

Dispoz-se, então, a sustentar a caza por todos os meios e modos imajinaveis. E nessa faina torturante e febril assemelhava-se por vezes a um desses chamados cãis de policia, pois, quando não tinha freguezes, saia á rua a farejar avido quem estivesse com apetite para ir comer os seus "piteus".

Em certo dia, chegando numa roda de conhecidos, pressentiu pelo "faro" que ali havia alguem com apetite para ir ao vatapá, dirijiu-se a esse alguem perguntando: — "Vai ao "vatapá?" Mas enganou-se, porque logo lhe responderam: — Ora, vá tapar... (E pronunciou uma fraze tão feia que eu, pelo respeito que devo aos leitores, não reproduzo aqui.) E lá se foi o pobre "Policia", dezatinado, á procura de outros

Assim ele pretendia "matar" os colegas e, afinal, só conseguiu "matar" os fornecedores e os empregados, isto é, aos carneiros, porque os outros já haviam "dado o fóra", a não ser o cozinheiro e um caixeiro, que, apezar de nunca ter trabalhado em tal profissão, foi ali admitido pela proteção de um sr. Guimarães, que agora lhe poderia dar um logarzinho para vender bicho. Em restaurant ele não póde trabalhar, pois que (penso eu) ali na zona os outros ainda não querem liquidar.

O enterro do "Policia" foi tocante. Elle teve uma saudoza recordação dos passados tempos do seminario, por ocazião das ceremonias de enterramentos: emquanto os trabalhadores impiedozamente martelavam desmantelando o cadaver a entoar o "agnus dei quitóles de pecata mundi" e os oficiais respondiam em côro: "insandenares e domine", o celeberrimo "Policia" com o beiço caido, fóra da porta, feito perú, "surumbaticamente" dava a classica nota: "Amen".

MOXILA.

O Estado e os trabalhadores

E' oportuno transcrever aqui o seguinte periodo do camarada José Prat, na sua obra *Sindicalismo e Gréve Geral* "Quando o Estado parece favorecer em alguma couza a classe trabalhadora, só o faz aparentemente, para encobrir a verdade, para mascarar a sua impotencia, para tentar fazer vêr que o Capitalismo se preocupa com a sorte dos seus escravos. Na realidade, o Estado não quer suprimir essa escravidão, porque isso seria suprimir-se a si proprio. O Estado apenas procura iludir os escravos do Capital, embalando-os em fantazias, para lhes paralizar as suas reivindicações, para lhes anular todas as suas iniciativas".

Um apelo

Do companheiro que com o pseudonimo de "G. Costal" tem firmado nestas colunas ecelentes trabalhos de critica social, recebemos agora um artigo que, com bastante pezar nosso, não podemos publicar, dada a natureza do nosso periodico, o qual é publicado, não para manter lamentaveis polemicas pessoais, mas sim para defender os ideais de emancipação economica e moral da classe a que pertence. Esse artigo de G. Costal constituia uma abespinhada resposta a uma inofensiva pilheria aqui publicada por um companheiro, o qual certamente não teve a intenção (que seria injustificavel) de atinjir, de qualquer modo, a personalidade moral do companheiro.

Dada essa explicação, concitamos a ambos esses companheiros envolvidos neste lijeiro incidente a que dediquem as suas actividades á cauza primordial da defeza dos nossos interesses economicos, que no momento historio que atravessamos deve ser a primeira preocupação de todo trabalhador conciente e digno.

"A Voz do Operario"

Em Recife, Pernambuco, um nucleo de dedicados camaradas acabam de lançar a publicação de um periodico de propaganda sindicalista. Pelos numeros já publicados e que temos recebido regularmente, póde-se prever a ecelente acção doutrinária que dezenvolverá naquele Estado do norte "A Voz do Operario".

Agradecendo as bondozas referencias feitas ao "Cosmopolita", dezejamos-lhe vida prospera.

"A Terra Livre"

Com este titulo acaba de aparecer em Curitiba, capital do Estado do Paraná, um ecelente orgam de propaganda do ideal libertario. O novo orgam aprezenta-se com um belo aspéto, cheio de ótimos artigos doutrinarios. E' digna de relevo a sua acentuada propaganda anti-militarista, neste instante em que, por meio de uma maneiroza campanha nacionalista, se tenta arrancar o trabalhador do labor fecundo da oficina e do campo para vida parazitaria e geradora de vicios da cazerna infame.

Vida longa e crescente de entuziasmo no combate ao preconceito e á mentira, eis o que almejamos ao novel e galhardo colega.

OUVIMOS DIZER...

que os nossos honrados amigos, os proprietarios desses estabelecimentos a que se dá o pitoresco titulo de *cazas de pasto,* andam bastante alarmados com a inesperada atividade da Hijiene Municipal na fiscalização dos generos alimenticios...

(E olhem que não é para menos !)

que os seus colegas das cazas de primeira ordem já se não manifestam do mesmo modo, e pouco se preocupam com a vizita dessa respeitavel matrona...

que esses senhores chegam mesmo a afirmar que as suas cazas são inatinjiveis, bastando para isso acenar com uma tonificante doze de aperitivo...

que os unicos que se tem regozijado com essa salutar campanha contra os envenenadores do povo são os cozinheiros que assim vêm diminuida uma grande porção do pezo que lhes esmagava a conciencia ao fazerem diariamente o *pezo*...

...*que* o sr. Fontainhas, do Restaurant Sul America, aborrecido com as *alfinetadas* do *Cosmopolita* a propozito das suas comicas descobertas culinarias, rezolveu dezistir das mesmas e dedicar-se agora excluzivamente a um interessante estudo sobre os efeitos que podem fazer varias dozes do valente *White Horse* sobre um estomago em jejum...

que o pandego "gerente do salão de refeições" da Rotisserie Rio Branco rezolveu dedicar-se com afinco ao estudo do idioma castelhano, afim de saber de fonte certa o verdadeiro sentido de certas respostas de damas de orquestras e não ter que recorrer a tradutores perversos...

que a *malta* de caixeiros que trabalham no "Pinhal d'Azambuja" (Sorveteria Alvear) deixaram todos a profissão de engraxates para irem empregar-se ali em vista das informações que lhes deram de que *aquilo era uma mina* mesmo sem ordenado...

que todos eles continuam a ezercer a antiga profissão, nas horas vagas, pondo a luzir com pericia de mestre as botas do patrão e do gerente.

que o *ilustre* fidalgo ex "maitre d'hotel" dos Estranjeiros e atual do Palace Club não anda pozitivamente de sorte depois da lição de mestre que lhe aplicou o Centro Cosmopolita por ocazião da gréve de 1915 ezijindo a sua demissão do cargo que ocupava, o que obteve incontinenti, e para provar a sua pouca sorte citam o escandalo do *champagne* no Carnaval...

que o *Emilio Maricas* está merecendo ha muito tempo uma *réprise* daquele memoravel gesto. Mas que "esta vergonha do sexo" não perde por esperar.

..*que* o *Malabregas* do Munchen dezistiu de processar o *Cosmopolita* por crime de calunia para não ter de processar tambem a Fiscalização de generos alimenticios...

Crevettes & Poivres.

Publicações recebidas

Recebemos as seguintes :

La Rebellion, quinzenario dedicado á propaganda dos ideais libertarios. Editado em Rozario, Republica Arjentina.

La Batalla, periodico de ideias e criticas. Publica-se em Montevidéo.

A Sementeira, mensario illustrado, de critica e sociolojia, sái á luz em Lisboa, no dia 1 de cada mez.

Tierra y Libertad, semanario anarquista. Barcelona, Espanha.

Germinal, mensario dedicado aos trabalhadores. Publica-se em Lisboa, Portugal.

A voz do operario, periodico sindicalista. Publica-se em Recife, Pernambuco.

O Grafico, orgam da Associação Grafica do Rio de Janeiro.

El Progresso Culinario, orgam oficial da Camara Sindical de Cozinheiros e Pasteleiros da Republica Arjentina.

A voz do Produtor, periodico anarquista de publicação eventual. O prezente numero é todo ele dedicado a memoria do inesquecivel propagandista das ideias de emancipação humana, em Portugal, Bartolomeu Constantino.

Sai a luz em Viana do Castelo.

Pela cultura intelectual da classe

Bastante regular tem sido o labor dezenvolvido nestes ultimos tempos em prol da cultura intellectual da classe no seio do Centro Cosmopolita.

Com a organização do nosso Grupo Editor, como que começou a dezenvolver-se no seio da nosso associação de classe um certo prurido de instrução, justos anceios de saber começam a despertar no cerebro de muitos camaradas que procuram investigar nas obras da moderna ciencia sociolojica o por quê do seu torturante mau estar social; á medida que os seus olhos deslumbrados vão deparando nas pajinas dos mestres que manuzeiam a eloquentes verdades expostas e sustentadas com clareza, sinceridade e lojica indestrutivel, tambem vão os camaradas emancipando-se dos mil e um preconceitos e erros sociais que os acorrentavam aos passado.

O Grupo Editor, cumprindo um dos pontos cardiais do seu programa que é difundir o mais intensamente possivel a cultura pela classe, já organizou a sua biblioteca, a qual, apezar da sua curta ezistencia, conta cerca de duzentos volumes dos mais apreciados autores.

Prossimamente publicaremos o catalogo dessas obras que se encontram á dispozição de qualquer camarada que os queira consultar.

Por sua vez o nosso camarada Secundino Almuiña Fernandez, que acaba de ser eleito bibliotecario do Centro, bem compenetrado dos deveres do seu cargo, procura dezenvolver a biblioteca do Centro que se encontra, infelizmente, bastante dezorganizada devido ao espirito tacanho e retrogrado das varias administrações que tem tido o Centro que, ao passo que não trepidam em esbanjar importantes somas em estandartes de seda e ouro (que simbolizam ironica e irrizoriamente a mizeria negra do trabalhador), em comes e bebes de festins nos quais estadeiam a sua vaidade, deixam em lastimavel abandono o departamento mais mececedor de carinhos em uma organização operaria a bibliotheca !

A esse propozito o camarada bibliotecario do Centro remeteu-nos uma carta, que por falta de espaço deixamos de publicar, na qual apela para seus companheiros para que o aussiliem enviando-lhe donativos destinados a esse elevado fim.

Assim procedendo o camarada Secundino A. Fernandez bastante destoa dos seus pitorescos antecessores, muitos dos quais só conheciam os pobres livros pelas respetivas lombadas e outros nem ler sabiam !...

CENTRO COSMOPOLITA

A nova Administração

Realizou-se a 14 do mez passado a eleição da nova administração do Centro Cosmopolita em virtude de ter a antiga solitado a sua demissão.

A escolha recaiu nos seguintes companheiros:

Jesus Bouzan Ricon, Presidente; Carlos Martinez Alvarez, Vice-Presidente; João Martins Domingues, 1° Secretario; Jacinto Fernandes Lago, 2° Secretario; Spropio Gonzalez, 1° Tezoureiro; Aurelio Mouzinho Duran, 2° Tezoureiro, Secundino Alumiña Fernandes.

Conselho de Administração: José Gil Diegues, Francisco Vilar, Alfredo Barral Cavadas, Jozé Cabral, Henrique Porto, Antonio Estrada, Manoel Domingues, Emilio Lorca Medina e Manoel Tomaz Pereira.

Comissão de sindicancia: Perfeito Gonzalez, Rafael Counago Freire, Pedro Oreiro, Manuuel Brazil e Dario de Castro Barboza.

Commissão de contas: José Peixoto Braga, Francisco Carvalho Pregal e Antonio Primo Villarino.

Comissão de beneficencia: Sergio Blanco, Francisco Alexandre e Francisco Pino Barcia.

E' de esperar que a administração recemeleita saiba bem avaliar e compreender as suas responsabilidades e o verdadeiro papel de uma associação de trabalhadores, tornando-a com o concurso de todos os socios u morgam de eficiente de defeza dos direitos da classe um ambiente de cultura e educação proletarias.

Para isto bastará um pouco de boa vontade e de coragem.

Não basta mandar proceder á cobrança das mensalidades dos socios e dos alugueis das dependencias do edificio social para obter recursos para satisfazer os compromissos materiais do Centro; ha os compromissos de ordem moral para com a classe que nos parecem não devem ser relegados para segundo plano. Enorme é a tarefa que encontram para dezempenhar os novos administradores do Centro, mas esse desempenho será relativamente facil se elles poderem contar com a coadjuvação de todos e de cada um dos socios, e cremos que essa necessaria coadjuvação não lhe será de modo nenhum regateada si a administração atual não procurar por si mesma afastal-a com gestos de descabida vaidade pessoal.

E isto, sabemos pozitivamente, não está no feitio moral dos companheiros que compõem a nova administração, todos eles dedicados a causa da emancipação proletaria.

Vivendo ás claras

Movimento geral da receita e despeza do Grupo Editor d'"O Cosmopolita", até 31 de Janeiro :

Receita :

Saldo do balancete ultimo	922$000
Recebido de 19 assinaturas	95$000
Idem uma quota de admissão	5$000
Idem de anuncios até ao 6.° numero	279$000
Idem de 40 garrafas de cerveja	23$500
Soma	1:325$100

Despeza :

Confecção do 4.° numero.	110$000
" " 5.° "	100$000
" " 6.° "	100$000
" " 7.° "	100$000
Selos para o 4.° "	5$800
" " " 5.° "	5$600
" " " 6.° "	8$200
" " " 7.° "	6$900
Bondes e automovel.	8$800
Barbante	1$000
Porcentajem ao cobrador.	23$200
Concerto na Bibliotheca. .	13$000
Pago por garrafas vazias.	3$500
Soma	486$000

Rezumo :

Receita	1:325$100
Despeza	486$000
Saldo	839$100

Offs. Grhs. do Jornal do Brasil